

No extremo do humor

Enfim a novidade: «Dinossauro Excelentíssimo», de José Cardoso Pires, está nas livrarias e nas Feiras. É uma edição da Arcádia.

Para entender este livro terá de esquecer-se «O Anjo Ancorado», «O Hóspede de Job», «Jogos de Azar», «O Delfim». Também muito da «Cartilha do Marialva». A referência mais próxima e correcta parece-nos ser o «Burro Em Pé», que Cardoso Pires e João Abel Manta mantiveram como secção no «Diário de Lisboa». (Aliás, João Abel ilustra o «Dinossauro» com duas dezenas de «cartoons».)

Um livro de humor, o «Dinossauro»? Sim, de humor. Mas no extremo. Naquele cimo rarefeito onde o riso, a sátira, o sarcasmo doem. Todos estamos implicados nesta fábula, nesta história cruel e desapiedada (e, a espaços, prazenteira) do nosso tempo. O «Dinossauro», se cabe a inconfidência arrancou de uma ideia terna: escrever uma história de Natal para um das filhas. De repente, porém, a história emperrou, há outras coisas urgentes, ou as urgentes misturam-se com outras, vai-se o Natal,

vem o trauma de muitos anos, e eis o «Dinossauro» forçando o seu caminho. José Cardoso Pires percebe-lhe o jogo, planta-se diante do bicho e multiplica os expedientes para derrotá-lo, bani-lo de uma vez por todas da memória. Humor? Humor pungente. E exorcismo.

Após esta aventura, um título para o escritor: o de dinamitador «emmeritus».

Dez anos dia a dia

Também com a chancela da Arcádia, também com muito de inesperado, chega-nos o «Diário, 1962-1972» de João Palma-Ferreira. Quando julgávamos que o actual leitor de Português na Universidade de Salamanca nos desse mais uma abertura novelística («A Viagem» aguçou-nos o apetite), ei-lo que no exílio estremenho se pergunta o que faz, o que fez, aonde vai (vamos) parar. Há nestas páginas, de par com alguns textos de apresentação crítica sobre as literaturas latino e norte-americanas, que muito têm interessado o escritor, há nestas páginas, dizíamos, um cara-a-cara consigo próprio, um desnudamento, pouco vulgares

entre nós, gente tão de águas mansas. Algo será discutível, e por certo discutido (aquele Redol não era assim, pensamos), mas a experiência merece ser acompanhada.

Duas breves transcrições: «O drama maior da actualidade é o de se exigir ao intelectual que assuma posições definidas, num tempo em que as circunstâncias se vão manifestando dia a dia mais caóticas»; «Nasceu-me um filho. Felicitaram-me. Ofereceram-me um charuto. Bebi champagne. Agora estou por aqui, só e feliz, a tentar perfurar a escuridão do futuro.»

Da Poesia

A Portugália lançou o terceiro livro de poemas de José Augusto Seabra, poeta há longos anos ausente do País mas não por isso esquecido: as antologias da novíssima poesia têm-no incluído regularmente. Título do volume: «Tempo Táctil». Como prefaciador surge António José Saraiva, que tenta dar-nos a chave para a compreensão da actual poética de Seabra: uma «disponibilidade humilde (...) feita de ciência e sabedoria das palavras». O verso, sempre muito trabalhado por este jovem autor, des-

poja-se aqui em extremo. Um exemplo: «Baba de exílio, / ternura vã / de caracol, / teu nome, vaso / de argila / e sol».

Entretanto a Razão Actual, do Porto, pôs nos escaparates mais uma obra do poeta galego Manuel María «Odas num Tempo de Paz e de Ledícia» («Odes num Tempo de Paz e de Alegria»). Aos 42 anos o escritor luquense torna-se subitamente conhecido para cá do Minho, a tal ponto que é hoje (com Celso Emilio Ferreiro, também galego, e poucos mais) uma das concretas referências nossas da actual poesia espanhola. Ei-lo com humor: «Os emigrantes son felicíssimos / posto que todo o mundo os enche / de atencióis e fanlles a vida / moi amabel. Non é verdade, pois, / que sintam saudades da súa terra / Si sentiran saudades non irían / tocar o zoco mundo adiante. / / No seu país nada lles falta, / mais ben lles sobra todo. Todo».

F.A.P.

